

# BIENAL DE PARIS

## OS INSÓLITOS OBJETOS NA FEIRA DA VANGUARDA

ARLETTE CHABROL  
Sucursal JB

Paris — Para melhor apreciar as obras expostas atualmente no Museu de Arte Moderna, no quadro da VIII Bienal de Paris, é preciso desaprender tudo o que se sabe sobre arte, esquecer tudo o que se pôde ver até hoje nos museus. Para qualquer lado que o espectador se volte, ele não encontrará nem um terreno seguro nem o nome de um artista consagrado. E é justamente essa instabilidade, essa sensação de processo em marcha que os organizadores da exposição desejavam: "Todos os artistas têm menos de 35 anos" — dizem eles. "Não há nenhuma vedeta. Nós pretendemos fazer uma aposta no futuro, permitindo a descoberta de novos valores." E para isso foram selecionados jovens talentos do mundo inteiro, em todos os lugares onde existe uma vanguarda.

Os resultados são frequentemente surpreendentes: a série de fotografias em cor mostrando bebês-monstros em frascos, outra mostrando uma estrada com animais esmagados — do lado, estão inscritos alguns comentários — clichês de todas as páginas de um caderninho, algumas em branco.

Contemplando obras tão insólitas, o espectador tem a oportunidade de refletir sobre a evolução da arte. Escultura e pintura são categorias que não têm mais sentido nesta Bienal. O que há são ob-

jetos, conjuntos de objetos, cenas animadas ou estáticas... Como esses quatro homens *kafkianos* dois de quatro num círculo traçado a giz e os dois outros de pé, fora do círculo, numa grande sala na penumbra, ambiente criado por John Davies. Ou como esse horrível mostruário de açougueiro onde se vendem seios inteiros ou cortados em rodelinhas, escalopes de pé, de nariz, de olhos (obra de Mark Prent). Ou ainda, menos sanguinolentas mas igualmente mórbidas, o cemitério barroco no qual o público, ao andar, faz estalar o cascalho (de Karina Raeck) e o cemitério *rústico* (de Jean Clareboudt), tão sombrio que mal se pode distinguir as cruzes de madeira fincadas em montinhos de terra fresca mas onde se sente o odor forte de capim seco e de palha.

Há também circuitos elétricos que produzem ruídos discretos mas que não se parecem com coisa alguma. E ainda uma armadilha assustadora: painéis de aço que se abrem com grande barulho para aprisionar um ou dois visitantes, repentinamente em panico.

Mais inofensivas e mais próximas da história em quadrinhos e do desenho publicitário são as obras do grupo de Dusseldorf. Depois de experiências tão estranhas e fatigantes, esses pequenos quadros, a *crayon* e sobre papel, parecem de um classicismo bem ultrapassado...

GEORGES TOUZENI



BENSU ERDEM (GRUPO DE DUSSELDORF)

